

# A ILUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

## PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg  
Aniguitas

ANNO. . . . . 24 francos  
SEMESTRIO. . . . . 12 "  
AVULSO. . . . . 5 "  
50 cent. de taxa 11 francos por franceiro e 24 francos por ann.

1.<sup>o</sup> Anno. — Volume 1. — Numero 10.

PARIS 20 DE DEZEMBRO DE 1884

Director : MARIANO PIRA

## RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 79, R. do Ouvidor.  
Assinaturas

ANNO (12 MESES)	12.000
SEMESTRIO (6 MESES)	6.000
ANNO (12 MESES) 1885	14.000
AVULSO	500



A NATIVIDADE

Desenho de J. Wagner — Gravura de Ch. Baude

## SUMMARIO

TEXTO: *Chronica*, por Mariano Pine. — Vida nova (poesia), por Alberto d'Oliveira. — As Noivas gravuras: A Natividade; Clovis Hugues e sua esposa; Uma casa de gelo; Praia d'Icaraby; Madonna; François Coppée; A arte de ser avó; Christinas. — *Sérvade*, poesia de Krassois Coppée. — *Noite de inverno* (poesia) por Silvestre de Lima. — *A Dón*, por Nialho d'Almeida. — *O Garvão*, por Guy de Maupassant. — Theatros, por Basilio.

GRAVURAS: A Natividade, composição de Wágnez. Clovis Hugues. — A esposa de Clovis Hugues. — Uma casa de gelo concebida sobre o Nexo. — A praia d'Icaraby (hipocubo), desenho original de F. Villaga. — *Madona*, do Gustavo Doré. — François Coppée. — Gravuras extraídas da *Arte de ser avó*. — *Christmas*, scenas da vida inglesa, desenho original de Mars.

## CHRONICA

(A UMA EDUCANDA)



ILUSTRAÇÃO publica hoje o retrato d'uma senhora que está sendo em Paris o alvo de todas as discussões e de todas as criticas. A historia vai contada mais aplainada, n'outra secção do nosso jornal.

E pois que nós temos de fallar da educação feminina, devo dizer a V.ª Ex.ª, com a maxima franqueza, que o crime de que é autora madame Clovis Hugues é mais uma affirmacão terrivel dos pessimos resultados que se hão de tirar da apreçoada emancipação moral da mulher.

Madame Clovis Hugues será para Paris, para o Parisnervótico, uma heroína. Talvez que um dia lhe levantem uma estatua. É mesmo muito possível. Essa estatua será o producto d'uma admiração doentia e irreflectida. Mas para nós todos os que fallamos estaboleilingua portugueza, o heroismo na mulher ainda se não traduz n'um semelhante emprego do revolver. Creio mesmo que o revolver se não inventou para se ir aconchegar em fôfos regalos, ou debaixo de *sorites de bal* entre um leque e um par de luvas cor de perola, ou entre dois frascos de perfumes sobre o setim rosa d'uma elegante *pompadour*. Estarei eu em erro?...

A primeira vista, contada a cousa abruptamente, quattro baías á queima-roupa no corpo d'um diffamador, disparadas por mão feminina que descarregou a arma sem tremer — é grande, é famoso, é heroico. Depois, esta confissão serena e fria do crime, esta confissão da premeditação do attentado, sahindo resolutamente dos labios d'uma mulher offendida em tudo que ha de mais santo — na sua honra; este *Engfin!* consolador e satisfactor de quem se libertou de soffrer, e que ella soltou quando o infame cahio por terra estrebuchando no proprio sangue, — tudo isto é grande, é famoso, é heroico!

E todas as gazetas no dia seguinte contando o crime com admiração, com espanto, com enthusiasmo... Que mulher sublime! Aqui está a verdadeira mulher dos tempos modernos! A mulher emancipada de todos os preconceitos, que sae resolutamente de

sua casa para ir castigar em publico aquelle que a offendeu! A mulher livre pela educação moderna, a mulher verdadeiramente corajosa e verdadeiramente heroica!

E eu creio piamente que as gazetas se enganaram n'esta glorificação de modelo feminino, como eu tambem me enganei no primeiro instante em que li a noticia do attentado, a uma meza do *Café de Paris*. E os parisienses que estavam proximos da minha meza, com o *Soir* em punho, applaudiam o heroismo. E um d'elles, que conhecia Clovis Hugues, fallava das qualidades de coraço e d'espírito da esposa — « uma mulher modelo, uma mulher como deviam ser educadas todas as francezas! » Felizmente que o não são.

Felizmente, sim, minha senhora, porque n'este ataque á honra conjugal, havia uma segunda, ou antes, uma primeira pessoa a que só assistia o direito e o dever de fazer justiça por suas mãos (se permitido é fazer justiça quem bem lhe parece!) — e essa pessoa era o marido.

Que papel desempenha elle em toda esta tragedia parisiense? A resposta parece-me difficil — tanto mais que o vemos applaudir publicamente o procedimento de sua esposa. O que é um facto, é que a tal emancipação moral e a falsa theoria da egualdade dos sexos a levou até ao crime. Ao contrario do que se pode passar n'um drama qualquer, foi elle que decaiu no primeiro plano e que disparou sobre o infame. Vieram os soldados e prenderam-n'a. E levaram-na para a cadeia. E o marido ficou a um canto da casa a chorar, rodeado d'alguns amigos que o consolavam e applaudiam o heroismo. Foi elle que atirou o conhecido beijo a victima que desapareceu entre os bastidores; — foi elle que ficou cuidando da casa e dos filhotos.

Razão que ao contar este scena, vagamente esvoace um sorriso de justa critica nos labios da minha querida leitora — mas a verdade não ha meio de a sepultar, e não podemos deixar de confessar, apesar de todas as sympathias que nos merece madame Clovis Hugues, que se trocaram os papeis, que a esposa fez o que não devia fazer, o que só ao marido competia fazer.

Lembra-se do grapo de Mercé: — *Quand même* — publicado no numero 10 da *Illustration*? Parece-me que é só esse o momento supremo em que a uma mulher é dado pegar n'uma arma. Quando o pae, irmão, marido ou filho mostrou atravessado pelas balas do inimigo, e que só elle existe para defender, a honra, a casa ou a patria!...

E então e só então que o heroismo se revela.

Madame Clovis Hugues é uma senhora em quem uma educação livre, a tal emancipação moral, deu em resultado o passar o limiar da sua porta, occupando-se masculinamente das causas exteriores que só pertencem ao homem.

Filha d'um jornalista republicano, esposa de um deputado republicano da extrema esquerda — toma uma parte activa na politica, interessando-se como um homem, por todas as questões que se agitam em França.

Faz escultura; mas em vez de trabalhar uma estatua para guarnecer a chaminé do seu fogão, pensando apenas na intima elegancia do seu *cher soi*, pensa mais no que poderá dizer Paris dos seus talentos, e todo o seu desejo é ser recebida no *Salon*, e ex-

pôr, e confiar as suas obras á analyse da critica. Por acaso as senhoras no momento em que se decotam estão a pensar que irão dizer os homens da alvura dos seus hombros?...

Uma noite assiti a uma conferencia de seu marido sobre os poetas modernos. Clovis Hugues é poeta, discípulo de Hugo. A conferencia prometia ser curiosa. Dir-se-ia algum mal dos *parnasianos*, e muito mal dos *realistas*. Luctas litterarias de boulevard. E não foi sem espanto que eu vi a esposa de Clovis Hugues tomar um interesse de publico partidario pela conferencia, apoiando com risos, gestos e mais palavras, todas as ironias com que seu marido, diante d'uma sala um tanto fria, ia crivando poetas de verdadeiro merito.

E a prova mais terrivel do quanto edetestavel essa emancipação moral da mulher, é a deserção da casa, do socjo silencioso e casto da familia, da tranquillidade do lar, da companhia dos filhotos; é a deserção de todo este mundo encantador e bom que só a mulher sabe compôr entre quatro paredes para o homem ali repousar das grandes luctas, e retemperar a sua coragem para o dia d'amanhã; — é esta intervenção masculina nas cousas que lhe não dizem respeito, e que faz com que eu e milhares d'outros sujeitos estejamos n'este momento a occuparmo-nos, a discutirmos e a analysarmos o espirito, as ideias e os sentimentos d'uma senhora, d'uma senhora casada, com quem a critica nada temia que ver, como se analysa e discute o primeiro sujeito, seu marido por exemplo, quando têm sede de renome, e atira á litteratura com mais um poema, ou ao gabinete Ferry com mais uma verrina acerca da expedição ao Tonkin!

Aparte todo o respeito e toda a consideração que me merece esta senhora, e toda a sympathia que me inspira a sua causa, não me parece que seja este o verdadeiro modelo da mulher moderna. E parece-me que se anda laborando n'um erro de palavras. Não ha mulher moderna como também não ha mulher antiga! Ha apenas sociedades que sabem educar melhor ou peor os espiritos. Ha um seculo aiada, era coisa regular e como que natural, a escravidão. Hoje todos a repellem. Antigamente educavam-se meninas para serem esposas de Christo. Hoje pensa-se mais em educar-as para serem esposas do Homem.

As sciencias, artes e industrias entraram tanto no dominio das sociedades contemporaneas e tomaram um tão importante lugar nas cousas ainda as mais simples e mais rudimentares da vida, que em todos os paises onde se olha seriamente para a educação intellectual — Alemanha, França, Inglaterra — nenhum rapaz ou nenhuma menina sae das pensões, sem ter ideias geraes sobre todos os phenomenos da natureza e todas as descobertas do espirito humano.

Nos collegios de rapazes esta educação é evidentemente muito mais desenvolvida e muito mais detalhada. Constitue, por assim dizer, a primeira orientação — a mais importante sem duvida — para que depois o rapaz, livremente, analisando a tendencia do seu espirito, siga a carreira que mais lhe convém e para que se sente mais apto.

Nos collegios de meninas o que hoje predomina, e o que ha de sempre mais predominar, é uma educação esthetica, sem um

fim determinado, porque o fim da mulher é sempre o mesmo — ser esposa. Mais tarde é que a sua educação se forma e se completa ao lado do marido. Só do homem depende que a mulher seja boa ou má, illustrada ou inculta, pretenciosa ou modesta, sympathica ou desagradavel.

Se uma senhora nas condições de V.ª Ex.ª resolve formar o seu espirito antecipadamente, ter preferencias por este ou aquelle auctor, applaudir este genero e odiar aquell'outro — mais tarde... uh! mais tarde ha-de-lhe surgir uma serie de pequeninos attrictos, terríveis e causticos, difficeis d'aniquillar.

V.ª Ex.ª pode gostar de Feuillet que elle detesta, ou de Ohnet que elle abomina; tocar ao piano Rossini, quando elle só admira Wagner; encher o seu salão com quadros de Cubanel, quando elle só pode suppor Manet! No seu gabinete de costura tem um retrato de Caro, e elle no seu gabinete de trabalho manda collocar um retrato de Littré. V.ª Ex.ª é pela Monarchia e elle pela Republica. V.ª Ex.ª ha de ir para o piano tocar o hymno da Carta, e elle, furioso, pallido, tremulo, no jardim, de perna trancada, a assobiar a *Marcelheza*!

Conhece V.ª Ex.ª O desquite, uma imitação em verso de Jayme de Segur da deliciosa comedia de Paulo Ferrier *Chez l'apocat*? A situação é quasi a mesma, a scena é observada espirituosissimamente na natureza — é uma verdadeira obra-prima de critica mundana. Diz elle ao advogado:

Sim, porque o meu caro amigo  
Que é muito boa pessoa,  
Ha de crer no que eu lhe digo...  
— Nós não casámos á toa.

ELISA

Certamente e por prudencia,  
Para evitar discussões,  
Tivemos a providencia  
De tomar de antecedencia  
As maiores precauções,  
— Regulando em numerosas  
E importantes entrevistas,  
As coisas mais imprevisas,  
As coisas mais minuciosas.

HEITOR

N'esse intuito salutar  
Houve perguntas aos centos:  
— Gosta de divertimentos?  
— Gosta de banhos de mar?  
— Gosta de sahir de dia?  
— De dar passeios no Tejo?  
— Sabe do côr a Judia?  
— E sabe a valsa do Beijo?  
Felizmente não sabia.

ELISA

Mas por uma imprudencia capital,  
Julgando ter previsto quasi tudo,  
Esquecemos o ponto principal.

HEITOR

Ah! sim! o ponto grave!

ELISA

O ponto agudo!

HEITOR

Ninho de estereis disputas!

ELISA

Fonte de inúteis combates!

HEITOR

Causa de horribes debates!

ELISA

Origem de increveis luctas!

HEITOR

Justiça se nos faça! Ventiláramos  
As mais graves questões com sizo e critica...

ELISA

Mas ai, pobres de nós! Não preguntáramos  
As nossas opiniões sobre politica.

HEITOR

Fez-nos o acaso traidor;  
Por crueldade imprevisita,  
A mim, regenerador  
E a ella...

ELISA com orgulho

A mim, progressista!

HEITOR

Já d'aqui pode ver o senhor advogado  
Qual foi o resultado.

Quando mal se precata a gente toma fogo  
Nas discussões. Ha bulha... algazarra...

ELISA

Alarido...

E entretanto o deus Cupido  
Dá ás de Villa Diogo.

~~~~~  
Sinto que é deveras difficil e deveras delicado indicar a uma senhora quaes os livros que devem formar a sua bibliotheca! Livros são individuos da vida exterior que só podem entrar n'uma casa, como um estranho, pela mão do pae ou do marido.

A educação moral, scientifica ou litteraria d'uma mulher não é a resultante do estudo dos livros, como no homem, mas da frequencia d'ideias do homem com quem vive e a quem se acha mais intimamente unida. É necessário que se não saia para fóra do limite do nosso campo d'acção. O estudo do homem é para que o trabalho se produza intelligentemente, sem perda d'um minuto em cousas inúteis. O estudo na mulher é apenas questão secundaria de mundanismo, não para com elle fazer o assumpto das suas conversas e das suas discussões, mas para poder comprehender quando ouve. A mulher diante da obra d'arte diz apenas — gosto. Só um imbecil teria coragem para lhe perguntar — porquê?...  
~~~~~

As suas opiniões não teem que vir para publico no momento em que o seu cerebro recebe a impressão do objecto exposto. Chegam mais tarde. Não, traduzidas pela sua propria palavra. A mulher não nasceu para o mundo, nasceu para a familia. Mas traduzidas pelas opiniões e phrases... dos sobrinhos que ella tem de educar, como V.ª Ex.ª tão espirituosamente diz na sua carta.

Repito. É ao homem que cumpre exclusivamente tratar da educação da mulher. A sua bibliotheca ha de ser a bibliotheca de sua esposa ou de sua filha. Nenhum homem moderno e nenhum homem de bem tem na sua estante um livro que uma senhora sem preconceitos não possa ler. E se elle possui um livro que possa ser escabroso, esse livro está guardado — pela simples razão de que nenhum marido vae adornar a *étagère* do seu salão, com um frasco contendo um feto mergulhado em alcool. Não que seja indecente — mas simplesmente desagradavel...

Se todas estas considerações ainda não bastam, queira V.ª Ex.ª interrogar de novo o seu respeitoso admirador,

MARIANO PINA.

## VIDA NOVA

*Na vida que tenho agora  
Faço canções vaporousas;  
Inspira-me a luz da aurora,  
Le-me a bohemia das rosas.*

*O metro sai-me enfeitado  
Da inspiração matutina,  
Como de um berço encantado  
O rosto de uma menina.*

*Do monte a sombra, dos vales  
No seio campestre e amigo,  
Deslembro passados males,  
O triste rirer antigo.*

*Ouço a critica sincera  
Das folhas, dos ramos, quando  
Apostropho a primavera  
Que anda por longe cantando.*

*Logo bem cedo, mal saio  
De casa a ver, em surpresa,  
O sol que mama com um raio  
No peito da natureza;*

*O madrigal, nos caminhos  
Bordados de heras rixosas,  
Salta entre o verde dos ninhos,  
Canta entre as moitas das rosas.*

*Então, como o deus do Lacio,  
Peço um abrigo ás ramagens,  
E leio uma ode de Horacio  
Aos velhos troncos selvagens.*

*Tudo me arrouba, essa festa,  
O bosque, a luz da manhã;  
Diante de uma floresta  
Sinto a minha alma paga.*

*Tenho composto um volume,  
Uma epopeia, que offerto  
Ao prado, ao sol, ao perfume;  
Faço o prefacio o deserto.*

*D'aqui niguem mais me arranca;  
Vou-me sentindo mais forte;  
O sol augurio espanca...  
Vivamos longe da morte.*

*Levante-se o corpo exangue!  
Longe o terror, as paixões!  
Borbulhe a estrophe do sangue  
Na rigidez dos pulmões.*

*Ah! como é bom ter-se em frente  
Da casa em que nós moramos  
Um claro jardim florente,  
Um verde mundo de ramos!*

*Cada uma d'aquellas flôres,  
Que vemos da porta aberta,  
Entende das nossas dôres,  
Fallá á nossa alma deserta.*

ALBERTO DE OLIVEIRA



CLOVIS HUGUES



A ESPOSA DE CLOVIS HUGUES



RUSSIA. — UMA CASA DE GELO CONSTRUÍDA SOBRE O NEVA



BRAZIL. — RIO DE JANEIRO. — PRAIA DE ICAHAHY (Itajuaçu)

Desenho original do mesmo colaborador F. Villalva

## AS NOSSAS GRAVURAS

## A NATIVIDADE

A composição tão delicada de Wágner, cujo talento é tão conhecido dos nossos leitores pelo seu nobre quadro publicado no primeiro numero da *Illustração*, não tem necessidade de ser explicada. É a piedosa lenda do nascimento de Christo, no que elle tem de místico e como a representavam os mestres da idade-media. O desenho de Wágner, em uma mesma pureza de linhas, a mesma *ingenuidade* e a mesma gosto no arranjo das coisas, com mais sciencia, que é o dominio da interpretação moderna. Este assumpto, tratado centenas de vezes, apresentado sob este novo aspecto, tem todo o encanto da *illustração* de velho mistal: obriga a pensar e a sentir também muitos a rezar.

## CLOVIS HUGUES E SUA ESPOSA

A esposa de Clovis Hugues, (o brilhante poeta e deputado de Marselha no Parlamento francez) foi a heroína de esta quinzena em Paris, e o seu nome tem andado reproduzido em todos os jornais de França e do estrangeiro, em consequencia da acção que praticou e que muita gente considera de heroica.

Não podemos portanto fugir ao dever de dar no nosso jornal estas duas physionomias da maior actualidade parisiense.

O assumpto é deveras escabroso, e as causas que motivaram a grande scena, difficil de comprehender do nosso publico, onde a malvadez ainda não attingiu, felizmente, este grau de perversão.

Uma velha senhora quiz-se separar do marido. E precisando de provas para fundamentar o seu pedido aos tribunaes francezes, foi encarregar uma d'estas agencias tão numerosas em Paris que tem por fim dar informações secretas e fazer espionagens — de saber tudo quanto o marido faz e fez, que possa constituir um ataque à fidelidade conjugal. E o director da agencia encarregou-se da comissão e começou a fazer as suas pesquisas indiginas, mettendo as mais das vezes para obter dinheiro da velha senhora que jubbava com as informações. E na lista das amantes que o agente apresentou, apparecia o nome d'uma menina, antiga vizinha do marido em questão, e que mais tarde casou com Clovis Hugues.

Imaginação do espanto, do desespero, da incerteza d'este marido que adorava a esposa, quando é intimado a comparecer no tribunal para averiguações, pois que sua mulher estava sendo accusada como amante d'um homem cujo nome elle mesmo desconhecia! E a dor, e o desgosto d'esta pobre senhora vendo o seu nome arrastando pelos tribunaes a mais infame e a mais vil das accusações!

Tudo se explica. Mas era necessario castigar o infame agente, e Clovis Hugues intentou contra elle processo por diffamação. O tribunal condemnou o bandido a dois annos de prisão e dois mil francos de perdas e danos. Mas o réu Morin ponde-se evadir para a Belgica, e apellou da sentença. E enquanto não chegava o dia da segunda audiencia, o réu Morin, sob o nome supposto de Borel, mandava todos os dias para a Camara dos deputados de França um bilhete postal caberio, dirigido a Clovis Hugues, e onde se dirigiam ao deputado os ultimos insultos e onde se contavam as maiores infamias a respeito de sua esposa. E na sua propria casa, a esposa de Clovis Hugues recebia também bilhetes postaes, cheios d'allusões ignobis e de phrases imundas. Era uma situação horrivel! Todos os dias estes bilhetes

eram lidos pelos porteiros da camara, e em casa pela porteira e pelas criadas, e havia um trabalho enorme para que alguns d'estos bilhetes infames não fossem por um acaso parar ás mãos dos filhos de Clovis Hugues.

Chegou o dia da audiencia. Estavam presentes o deputado e a esposa, e Morin. Mas o advogado de Morin ainda encontrou um pretexto para pedir o adiamento da audiencia e a audiencia foi adiada.

A saída do tribunal Morin passou em frente de Clovis Hugues, a sorrir ironicamente. Foi neste momento que a esposa do deputado de Marselha se aproximou de Morin, e tirando um revolver do regato disparou seis tiros á queimadura, mettendo quatro balas no corpo do patife, que morreu dias depois.

A sensação que este facto causou em Paris foi verdadeiramente extraordinaria, e toda a imprensa elogiou o procedimento do nobre senhora que ha dois annos era perseguida pelas mais atrozes calumnias.

A esposa de Clovis Hugues está na prisão de Saint-Lazare em Paris. Confessou á justiça a premeditação do seu crime, não tendo dado a culpa a seu marido a menor das suas intencões. Toda a imprensa franceza é unanime em que não haverá jury que seja capaz de a condemnar. Ho de ser uma das causas mais curiosas do nosso tempo, e é por isso que damos hoje os retratos dos dois personagens que restam d'este drama parisiense.

## UMA CASA DE GELO

Ostro que o inverno ainda não tenha apparecido verdadeiramente aspero no centro da Europa, nem por isso tem deixado de fazer das suas n'esta Russia dos confins do velho continente.

No numero passado demos o curioso desenho d'um caminhão de ferro construido sobre o rio Neva, para descarregar as mercadorias de navios que foram surprehendidas pelos grandes gélos. Hoje apresentamos a reprodução dos famosos palácios de que tanto se falia e com tanto espanto, nos paizes onde o gelo é coisa rara.

Durante seis mezes o Neva gela e apresenta então um aspecto dos mais singulares. Sobre esta superficie gelada traçam-se ruas bordadas de numerosos candieiras de gaz; armam-se baracas, fazem-se mercados, e todos os domingos realisam-se brilhantes corridas de *dnosokis* e de *traicikas*. Este anno construíram sobre o rio um monumento dos mais curiosos, que consiste n'um encantador palácio todo feito de blocos de gelo talhados e esculpidos; e que, graça a uma temperatura de vinte graus abaixo de zero, offerece a solidez e a resistencia do mais duro granito da Finlândia.

Construem-se muitas vezes palácios de gelo em São Petersburgo. No tempo da imperatriz Catharina, por occasião do casamento do seu bôbo, esta soberana mandou construir sobre o Neva um palácio de gelo, mais protegido por duas peças d'artilharia, talhadas tambem no gelo e que, em consequencia da sua solidez, podiam ser carregadas e fazer fogo sem rebentarem.

## PRAIA D'ICARAHY — (ITAPUCA)

O nosso distincto collaborador artistico, F. Villaga, com esta felicidade de traço que tanto o caracterise, offerece-nos hoje um curioso aspecto de praia d'Icarahy, um dos lugares mais pittorescos da bahia do Rio de Janeiro. É o lugar preferido por todos os artistas e por todos os *touristes* que amam os originaes e extravagantes aspectos da natureza.

A praia d'Icarahy fica situada em Nichteroy, e o grande rochedo que se vê ao centro do nosso desenho é a famosa pedra da Itapuca, que dá tambem o nome á praia.

A *Illustração* vae apresentar n'este genero uma serie de paginas sobre o Brazil, que estamos certos hão de ser recebidas com prazer pelos nossos numerosos leitores do imperio.

## MADONA

Neste nosso numero coincidindo com o Natal julgamos do nosso dever offerecer algumas paginas religiosas a um *publico* que, como o nosso, ainda tem bem profundas, as mais puras doutrinas christãs.

E fomos procurar a obra d'um grande artista um trabalho verdadeiramente religioso e verdadeiramente poetico. O grupo de Gustavo Doré representando a Virgem e o Menino, cujos braços já se abrem para a Cruz, é uma das obras primas da arte moderna e uma das mais notaveis esculpturas do celebre artista que falleceu o anno passado, e que deixou obras colossaes como a Biblia e o Dante que elle illustrou tão maravilhosamente.

No talento de Gustavo Doré a feição religiosa predominou sempre e, ao ohar a sua *Madona*, vê-se bem que só um artista possuido das mais puras doutrinas christãs poderia produzir grupo tão bello e tão poetico como este.

## FRANÇOIS COPPÉE

Hoje aos nossos leitores o retrato do illustre poeta que a Academia franceza acbta de receber solememente. François Coppée é um dos contemporaneos celebres que mais sympathias tem adquirido no mundo das letras — e se ha reputações justas e merecidas é esta sem duvida uma d'ellas. François Coppée é o heroe da quinzena litteraria em Paris, como já o foi justamente ha um anno, quando subiu á scena no *Odéon* a sua famosa tragedia *Severo Torelli*, magnifica obra theatral onde havia scenas que pareciam ter sido desenhadas por Victor Hugo, aos bons temps do *Hernani* e do *Roi s'amuse*.

François Coppée nasceu em Paris em 1842. Familia obscura de pobres empregados publicos, a sua. A lucta portanto, n'estas condições, sem padrinho para o apresentar ao mundo — foi enorme, e os seus dias de tristeza, de desalento e mesmo de miseria, são comparaveis aos momentos terriveis de Daudet e de Zola quando novos trabalhavam para comer. Mas venceu, e venceu gloriosamente, porque a sua primeira victoria é uma das mais notaveis da poesia contemporanea — quando elle fez representar no *Odéon* a sua celebre comedia *Passant*, onde Coppée se revelou e onde Sarah Bernhardt se revelou tambem talento de primeira ordem.

Depois do *Passant* produziu outros trabalhos dramaticos como *Deux Douleurs*, *Abandonnée*, *Rendez-vous*, *Luthier de Crémone*, *Treasure* e o bello drama intitulado *Madame de Maintenon*. Além das suas produções dramaticas, François Coppée tem uma soberba collecção de sonetos hoje reunidos n'uma magnifica edição da casa Lemerre. E como prosador já o conhecemos os leitores da *Illustração* pelos dois esplendidos contos publicados nas columnas da nossa revista.

François Coppée pertence ao famoso grupo dos chamados *parnasianos*, de que fazem parte poetas do mais subido valor como Bainville, o auctor de *Floride* de que publicamos uma scena no ultimo numero, traducção do nosso brilhante collaborador Jayme de Segur — Armand Silvestre, Soulay, Sully-Prudhomme, Casulle Menés e outros.

Ha mezes foi eleito membro da Academia franceza, e a sua recepção official realisou-se ha dias. François Coppée é um dos poetas francezes mais apreciados em Portugal e Brazil, e a sua influencia na litteratura portugueza não tem sido pequena, pois que se poderá dizer afoi-



A « MADONA » DE GUSTAVO DORÉ



FRANÇOIS COPPÉE

Novo membro da Academia franceza

tamente que as suas poesias influenciaram muito, no espirito de Gonçalves Crespo, que foi nas *Miniaturas* e nos *Nocturnos* um *parnasiano* á altura dos mais eminentes de Paris, como este de quem damos hoje o retrato.

Mais adiante encontrarão os nossos leitores o fac-símile d'uns versos de François Coppée. É a serenada que se cantava entre bastidores no terceiro acto de *Severo Torelli*. A physionomia d'um poeta querido é coisa curiosa de conhecer; mas não menos interesse desperta a sua calligraphia e a sua assignatura. Tratámos portanto de obter um autographo do illustre poeta e de o mandar reproduzir para offerecermos esta curiosidade a todos quantos apreciam o seu talento. Proximamente publicaremos um outro conto em prosa de François Coppée.

#### A ARTE DE SER AVÔ

**A** CASA de apparecer em Paris uma nova edição de *L'Art d'être Grand-Père* de Victor Hugo, edição magnificamente illustrada pelos artistas mais celebres de França, e impressa com um grande escrupulo e luxo, com o luxo e escrupulo com que se sabem fazer edições em Paris.

Esta nova edição da obra do poeta sahio das officinas da *Sociedade anónima de publicações periódicas*, das mesmas officinas onde se imprime a nossa *Illustração* e o *Monde Illustré* de Paris. É á extrema amabilidade do gerente d'esta casa, o sr. Mouillot, que nós devemos o prazer de offerecer aos nossos leitores alguns specimens das gravuras que illustram a obra, chamando-lhes especialmente a attenção para este delicioso retrato de creança, o retrato da celebre Jeanne, a neta de Victor Hugo, que tantas paginas sublimes tem inspirado ao poeta dos *Châtiments*.

É um livro que nós recomendamos a todos que nos lêem, apenas cheguem alguns exemplares nos livrinhos de Lisboa e do Rio de Janeiro.

#### CHRISTMAS

**E** dos paizes onde ainda mais se conservam as boas tradições do Natal é sem duvida a Inglaterra. O Natal deixou de ser a festa da igreja e d'uma religião para se transformar na festa da familia, e não ha povo sobre a terra que mais feliz se sinta n'este dia de dezembro, como o povo inglez.

O nosso collaborador Mars descreve-nos o alegre *Christmas* inglez, n'uma serie de scenas intimas cheias d'espirito e de *entrain* como só as sabe traçar o elegante parisiense que tem apresentado na *Illustração* algumas paginas do mais exquisito espirito de delicadeza.

Em Inglaterra as festas do Natal celebram-se com verdadeira solemnidade. Uma das cousas obrigadas de todas as decorações, desde o castello senhorial até ao mais modesto cottage é a verdura, os ramos de pinheiro, os ramos folhudos dos castanheiros, que desempenham um grande papel nas ornamentações do *Christmas*, principalmente o *mistletoe*.

Suspendem-no dos lustres no meio das salas, e de cada vez que um *gentleman* se cruza sob o lustre com uma *miss* nova e bonita, ou velha e feia, é obrigado a beijal-a.

Encanto bastante doce no primeiro caso;

Dever penoso no segundo... e que ás vezes dá lugar ás scenas mais cómicas e ás expressões mais extravagantes.

Pantomima pelos *habies*, dansas, refeições com chá e pudding, nada faltou a esta festa, e devemos concordar que os inglezes tem mais gosto e mais amor do que nós, que já esqueceremos a nossa « missa do gallo » e aquellas deliciosas ceias da meia noite em Portugal, de que apenas hoje se lembram os que nasceram em terras onde o modernismo ainda felizmente não deu cabo das mais santas e grutas tradições.

#### SÉRÉNADE

*Tu m'as promis ton baiser  
Pour ce soir, ma brune,  
Et je viens de me griser  
D'un rayon de lune.  
Mais nous faisons sa clarté,  
Pour peu que tu t'enailles;  
Elle a l'air, les nuits d'été,  
De voir sous les feuillies.*

*Nous prenons le chemin noir,  
Si obs à nos contours,  
Où l'on entend, sans les voir,  
Le roux bruit des fourneaux;  
Et, pour nous guider, passant  
Sous la voûte obscure,  
En mettant les yeux baissés  
Sur la chéminure.*

*François Coppée*

#### NOITE DE INVERNO

*É n'uma noite assim, de um firmamento  
Negro, e de um frio que enregelava e corta,  
Que, em pranto o olhar, releio em pensamento  
Toda essa historia que suppunha morta...*

*Quando e te inverno atroz, que é o meu tormento  
Agora, acaso nos batia á porta:  
— « Deixai-o, amor! deixai lá fora o vento;  
Que o vento ruja ou não, que nos importa? »*

*Dizia: e ao vê-te arfar mais forte o peito:  
— « Que importa a chuva ou a sol, se um collo estreito,  
Collo mais quente que um volcão em lava? »*

*E a voz do vento, embora, enchesse a rua...  
Eu e do asilo te ouvia, que era a tua,  
Que hoje não falla, vias que então fallava!*

Rio de Janeiro, 1884.

SILVESTRE DE LIMA.

#### A DÔR

**Q**UANDO o ultimo orango deu origem ao primeiro homem, e esse homem, chegando a virilidade pôde disfrutar a grandeza da indomável força de seu pai, domada pela bondade hilariante da sua luminosa intelligencia, fez um dia a si proprio esta pergunta:

— Em que diffiro eu d'aquelle carrancudo sêr, que não falla senão por guinchos e só por contracções grotescas se exprime, que para alegria tem um grito e um hurro para a cólera, que vê morrer os filhos e fugir-lhe a esposa, sem que o invada este desconso-lado entorpecimento que eu sinto se não remedeio o mal, e se para o que me cerca não encontro explicação?

Elle caminha aos saltos, coberto de pellos e ululante de vinganças, trepando pela nodosidade dos caules e enchendo do seu terror feroz as grutas e os maciços das florestas palpitantes de ninhos, pisando sem remorso as corollas mais purpureas e os calices mais olorantes, e não vendo na vastidão opulenta e na chromatica irradiante d'esse mundo alado ou d'esse mundo vegetal, mais que a rede em que descuidosamente os seus inimigos vem cahir e onde elle faz as suas victimas!

É das diferenças superficiaes de estrutura — de eu estar nũ e elle vestido de pellos, de elle ter cauda eu não, dos seus pés terem o feitio das suas mãos prehensis, enquanto as minhas plantas se espalmam pela asperidão das marchas a que as submetto — é das diferenças apparentes de organismo, que nascem estas discordancias de natureza — n'elle a seccura, a ferocidade, o egoismo e a inconsequencia — em mim o sagrado terror da responsabilidade, o alcance de vistas que me perturba, a previsão sagaz que me aconselha, e esta commoção sem origem que se entorna no meu corpo, e me tortura ou me enthusiasma, conforme provém d'uma necessidade satisfeita, ou conforme provém de um contratempo inesperado?

E como se interrogava em voz alta no meio dos castanheiros que as trepadeiras vestiam em amplexos concupiscentes nas suas couraças de folhas, viu surgir dos rochedos negros em que pousava, o velho deus das selvas, alta figura cingida de cachos e coroada de flores, com barbas de musgos e vasta cabelleira de relvas verdes-jantes.

— Abre a cabeça de teu filho, disse o deus.

O homem tomou o machado de silex, chamou seu filho, e fazendo-o ajoelhar fendeu-lhe o cráneo de um só golpe.

— Essa caixa de osso que partiste, e

como a casca lenhosa de certos fructos tropicaes de que te alimentas. Partida a casca, esses fructos revelam a polpa delicada, de extraordinario tecido e exquisito sabor.

— Guarda esse fructo, disse o deus. — E, após, com imperio:

— Abre a cabeça de teu pai! ordenou-lhe. O homem encontrou na toca do grande baobab o velho *orango* que lhe dera o ser, acorçado e tropego, roendo tulos. Deu-lhe as boas noites, pediu-lhe a benção como de costume, e quando o *orango* lhe estendia a mão lanugenta, sentiu na fronte o gume do machado que lhe separava o crânio em duas metades.

— Extrahe-lhe o fructo, tornou o deus, e o homem obedeceu.

— Bem, disse o outro.

E apontando cada um dos cerebros desnudados:

— Este é o cerebro de teu filho, esteo de teu pai. Vês que é maior o do pequeno que o do velho, não vês? Agora segue com a tua unha estes arabescos mysteriosos que sulcam a polpa arrancada ao pequeno. Elles desenhão o quer que seja de legenda em hieroglyphicos: é a buena-dicha da especie humana.

São as *circumvoluções*, que mal se esboçam no cerebro do *orango* e que os teus levarão mais e mais profunda e profusamente impresas. Até teu pai o cerebro era alguma coisa tosca como o granito; de ti por diante elle lapida-se, depura-se e modifica-se — é a pedra preciosa, caustica na sombra e tenebrosa na luz, dotada de fulgor proprio e propensa a illuminar ao longe os tenebrosos recessos dos instinctos que herdaste e tens de transmitir suavisados e aptos á utilidade, pela cultura a que tu mesmo os forçarás. Corta-os ambos em pedacos e examina-os bem. São da mesma materia, tem identica forma e parecem do mesmo valor. Mas um é o ferro bruto que o mineiro distilla do filão recondito, o outro é o ferro dotado de propriedades magneticas.

Pódes chamar áquelle, carvão negro e torvo, se tiveres olhado n'este o diamante lapidado, que scintilla pelos engastes das tuas orbitas como se ardesse vivo na corôa de um rei.

— Compreendo! disse o homem pensativo.

— Olha melhor esse miolo dos dois fructos descascados. Cada polpa se me effigura formada de lobulos ou espheroides. É como um continente dividido em nações pelos grandes rios, ou um paiz repartido em districtos pelas grandes estradas reaes. Cada districto é a potencia que rege alguma determinada funcção do corpo — são as bossas. Ha a bossa da memoria, a bossa da intelligencia, a bossa da luxuria, a da gula...

E apontando cada proeminencia, o deus chamava-as pelos seus nomes. Algumas que eram salientes na criança, ou mal se esboçavam no *orango* ou positivamente não existiam (1). Em compensação o cerebro do bruto tinha n'outras, um desenvolvimento colossal a respeito do pequeno. O deus fazia-as comparar miudamente uma a uma.

— Todas as que presidem á direcção de necessidades animaes, instinctos ou appetites, são consideraveis em teu pai, dizia elle ao homem. Todas as que se referem ao intellecto são de surpreendente grandeza em teu filho. Eis por que buscas alguma coisa mais na vida que a repleção do teu estomago se tens fome, que a ingestão de agua corrente se tens sede, que o repouso se tens somno, e o coito brutal se a virilidade do teu sexo faz explosão ante a fema que passa, serva obediente da tua crueldade ou docil instrumento da tua lascivia!

Desse instincto, que a natureza instituiu para povoar os seus continentes e os seus mares, encher de rumor as florestas e de cardumes as aguas, instincto todo grosseiro nos que te são inferiores, tiraste tu os elleitos mais dōces, as symphonias mais limpidas, os mais castos threnos e as mais scintillantes volutas. Chamaste-lhe o amor, e crystallizando o amor transfizeste-o na adoração. A fema escrava quebraste as algemas, não consentindo que os seus pés sangrassem, como os teus rudes pés de luctador, nos abrolhos da selva e nos espinhos da maledicencia. Da tua rude cabana fizeste um templo, da tua fé um lampadario, uma cupula da tua religião e da mulher o teu deus.

No santuario do teu amor, puzeste o deus, e da cupula do templo o lampadario encheu de esplendores mysticos a tua familia e a tua alma. Pela adoração domaste a tua força, aprendendo a ser delicado para os fracos, altivo para os soberbos, cruel para os maus, justiciero, generoso e valente! Estas qualidades deve-las á tua intelligencia, fluido singular que emana d'este lobulo — e apontava — e te destacou dos teus antepassados. Por essa faculdade, dominarás os elementos e os animaes, serás rei e senhor porque o teu braço obedecerá sempre á tua cabeça. Cada geração receberá da anterior um patrimonio de idéas adquirido, entregando religiosamente á que lhe succeder, acrescentado pelos seus esforços, esse patrimonio sagrado e inviolavel. A tua ambição será satisfeita, descança.

— E serci eterno? disse o homem, tremendo aquella idéa.

— Na historia.

— Na vida! Que me importará a historia? Se poderei viver assim sempre, domi-

nando mares e povos, e experimentando em dentro esta plenitude de selva que extravasa do meu corpo, e se desentranha em colossaes alegrias?

— Não! disse o deus com voz profunda. Morrerás!

— De que me serve então tudo isto? exclamou elle contrahindo a face serena, que uma graça infinita deificava. E erguendo os braços desesperado cahiu a chorar a mesquinhez da sua condição. O velho deus sorria.

— E qual a bossa, que no cerebro de meu filho corresponde a este horrivel veneno que a tua palavra me faz beber?

O deus apontou-lha, dizendo:

— Esse veneno chama-se a *Dor* e nunca envenenou teu pai.

— Faze-me então voltar á nativa bruteza dos meus, disse o homem. Prefiro a inconsciencia rude do *orango*, a essa intelligencia que illuminando-me a vida me faz d'ella um ergastulo, e onde não poderei fazer um passo, bom ou mau que seja, sem que este tribunal interior, incorruptivel e soberano, me detenha se vou com pressa, ou bruscamente me acorde se adormeci, para me julgar do que eu fizer e para me castigar a toda a hora.

A voz do deus bradou:

— Jámais!

E desde então esse animal vaidoso, julgado o mais perfeito e o mais livre dos seres vivos, tornou-se no miseravel escravo que eternamente geme sob o chicote do seu verdugo — esse verdugo que se chama: o Pensamento.

FILHO D'ALMEIDA.

## O GARRAFÃO

CHICOT, o hoteleiro d'Épreville, fez parar a carriola diante da quinta da tia Margarida. Era um homemzarrão de quarenta annos, vermelho e barrigudo, e que passava por malicioso.

Prendeu o cavallo á entrada da cancella, e depois entrou para o patio. Tinha umas terras que confinavam com a quinta da velhota e que desejava possuir havia muito tempo. Vinte vezes tinha insistido para as comprar, mas a tia Margarida era obstinada na recusa.

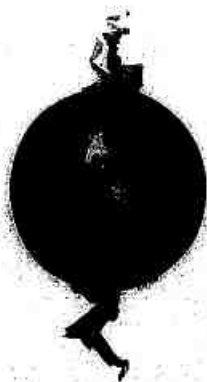
— Aqui nasci, aqui hei de morrer, dizia a velha.

Encontrou-a á porta da rua a depellar batatas. Contava setenta e dois annos, estava secca, enghelhada, curva, mas infatigavel como uma rapariga. Chicot bateu-lhe amigavelmente no hombro, e depois sentou-se n'um banco ao pé d'ella.

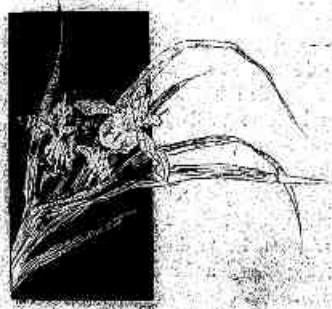
— Viva lá! tia Margarida, e como vamos de saude, sempre bem?

— Menos mal, menos mal, e você, sempre rijo?

(1) Faz notar Gratiolet, que as *circumvoluções* dos mais rudes *primates* são como o schema das *circumvoluções* do cerebro humano.



A nota de Victor Hugo





1. Mãe que acorda. — 2. O inevitável pudding. — 3. A chegada dos pequeninos convidados. — 4. Maud e Jane dependendo o mistletoe e o holly. — 5. A eterna e adorável pantomima dos beijos. — 6. O beijo permitido depois do mistletoe: miss Daisy deseja que elle fosse mais longo e mais bonito! — 7. O desaparecimento do Christmas-tree. — 8. A dancing party. — 9. O brinde de master George!

CHRISTMAS, OU O NATAL EM FAMILIA. — Scenes da vida inglesa, desenhadas por Mars.

— Assim! assim! algumas dores; se não fosse isso passava ás mil maravilhas.

— Antes isso do que estar para ahí entrevado n'uma cama.

E não deu mais palavra. Chicot olhava para aquella tarefa. Os dedos aduncos, seccos, terrosos, agarravam nas batatas e voltavam-n'as com rapidez para deixar a fúca cortar largos pedaços de pelle. E quando a batata ficava nua, amarela, atirava-a para uma marmita cheia d'agua. As gallinhas aproximavam-se para tirar os restos do avental da velha, e depois fugiam, levando os bocados dependurados do bico.

Chicot parecia contrafeito, hesitante, ansioso, tendo alguma cousa lá dentro que não queria sahir. Por fim decidiu-se:

— Ora escute lá, tia Margarida...

— Em que lhe posso ser util?

— Então a sua quinta, não está disposta a vendê-la?

— Cada vez menos. Não pense n'isso. Está dito e está dito, e não fallemos mais em tal assumpto.

— É que encontrei um meio que nos conviria a nós ambos.

— Qual é?

— Ora ouça. Vocemecê vende-me a quinta e continúa a ficar com ella. Não percebe? Tenha a bondade de me escutar.

A velha parou com a tarefa e encarou o hoteleiro com os olhos muitos vivos de curiosidade. Elle continuou:

— Eu dou-lhe cada mez cento e cincoenta francos. Está ouvindo: cada mez-trago-lhe aqui, no meu carro, trinta escudos de cem soldos. E tudo fica como d'antes, tudo, tudo, tudo; voce-mecê fica em sua casa, nunca mais pensa em mim, não me deverá cousa alguma. Não faz se não receber o meu dinheiro. Que lhe parece o negocio?

Olhava-a com um ar alegre, com um ar de bom humor.

A velha escutava-o com desconfiança, procurando a ratocira.

— Vocemecê não se assuste. Fica na sua quinta enquanto Deus lhe conservar a existencia. Não tem que sahir da sua casa. Sómente assigna-me um papellito em casa do tabellião para que depois da sua morte tudo isto me pertença. Vocemecê não tem filhos, apenas sobrinhos com quem pouco se importa... Convenha-lhe? Guarda as suas terras até ao fim da vida, e eu dou-lhe trinta escudos de cem soldos todos os mezes. O ganho é todo para voce-mecê.

A velha ficou surprehendida, inquieta, mas tentada. E replicou-lhe:

— Não lhe digo que não. Sómente quero dormir sobre o negocio. Venha-me fallar lá para meciados da semana que vem. Então lhe darei uma resposta.

E o hoteleiro Chicot foi-se embora, contente como um rei que acabase de conquistar um imperio.

A tia Margarida ficou pensativa. Não poudo dormir n'essa noite. Durante quatro dias esteve hesitante. Desconfiava que n'aquelle negocio havia o que fosse de mau para ella, mas a ideia de trinta escudos por mez, d'este bello dinheiro sonante que viria correr no seu avental, que lhe cahiria como do céu, sem trabalho algum, tentava-a deversas.

E foi ter com o tabellião e foi-lhe contar a sua vida. Aconselhou-a a que aceitasse a proposta de Chicot, mas que pedisse cincoenta escudos de cem soldos em vez de trinta, pois que a sua quinta valia, pelo mais baixo, sessenta mil francos.

— Se você vive quinze annos, disse-lhe o tabellião, elle só a paga quarenta e cinco mil francos.

A velha estremeceu com esta perspectiva de cincoenta escudos de cem soldos por mez, mas desconfiava sempre, receitando mil cousas impreristas, tricas occultas, e ficou até a bocca da

noute a fazer perguntas. Porfim mandou preparar a escriptura, e entrou perturbada como se tivesse bebido quatro canecas de vinho novo.

Quando Chicot voltou para saber a resposta, fez-se rogar durante muito tempo, dizendo que não queria, mas sempre com medo que elle não quizesse dar as cincoenta peças de cem soldos. Porfim, como elle insistisse, indicou as suas pretensões.

O hoteleiro teve um sobresalto e recusou.

Então, para a convencer, começou a fallar do tempo que ella ainda tinha para viver.

— Isso sim! Não tenho para mais do cinco annos. Já vou a caminho dos setenta e quatro, e cada vez mais acabada. A noute passada até julguei que ia morrer. Perdi todas as forças e foi preciso levarem-me em braços para a cama.

— Historias! Vocemecê está mais rija e mais duradoura que a torre da igreja. Hade viver pelo menos cento e dez annos. Ainda voce-mecê é que me ha de enterrar.

Tudo o dia se passou em discussões. Mas como a velha não quizesse ceder, o hoteleiro, por fim, consentio em dar os cincoenta escudos.

Assignaram a escriptura no dia seguinte. E a tia Margarida ainda exigio dez escudos como alviçaras.

Passaram-se tres annos. A boa velha continuava ás mil maravilhas. Parecia que não tinha envelhecido d'um só dia, e Chicot desesperava. Já lhe parecia que pagava esta renda ha mais de meio seculo, que tinha sido enganado, que o roubavam, que o arruinavam. Ia de tempos a tempos visitar a proprietaria, como se vae em julho aos campos para ver se os trigos estão maduros e bons para a foice.

Recebia-o com uma certa malicia no olhar. Dir-se-lia que se dava os parabens pela partida que tinha jogado; e elle subia depressa para o carro resmungando:

— Quando é que rebentará, minha carcassa! E não sabia o que havia de fazer. Uma vez ao vê-la esteve para a estrangular! Odiava-a com um odio feroz, com o odio d'um campones roubado.

Tratou de descobrir varios meios.

Um dia veio visital-a, esfregando de contentamento as mãos, como no dia em que se concluiu o negocio.

E depois de ter conversado alguns minutos:

— Olhe lá, tia Margarida, porque é que não vae jantar lá a casa, quando for a Epreville? Murmura-se, diz-se por ahí que já não somos amigos, e isto faz-me pena. Vocemecê já sabe, olhe que lá em casa não paga nada. Não olho a um jantar. Todas as vezes que estiver disposta venha sem receio, porque me dará muito prazer.

A tia Margarida não esperou que elle repetisse o offercimento e dois dias depois, como fosse á feira na sua carriola conduzida pelo criado, o Celestino, foi logo metter o cavallo na cavalleria do Chicot, e reclamou o jantar promettido.

O hoteleiro, radiante, tratou-a como uma senhora, deu-lhe uma galinha, boa chouriça, boa carne assada e presunto com côves. Mas ella pouco comia, sobria desde a infancia, tendo sempre vivido com umas sôpas e com um bocado de pão com manteiga.

Chicot insistia, desapontado. A velha tambem não bebia. Recusou tomar café.

Perguntou-lhe:

— Mas não recusa um copinho?...

— Ah! a isso não direi que não.

E gritou com toda a força dos seus pulmões a travez da hospedaria:

— Rosalina, traz cognac, mas do bom cognac, do melhor, ouvisse!

E a criada appareceu com uma garrafa de roulo verde e dourado.

Encheu dois copos.

— Ora prove, tia Margarida, é do melhor que se fabrica!

E a boa mulher começou a beber docemente,

aos golinhos, fazendo durar o prazer. Quando despejou o copo, saboreou e disse:

— Sim senhor, é o melhor que tenho bebido em dias de minha vida!

Ainda não tinha concluido a phrase e já o hoteleiro lhe enchia um outro copo. Quiz ainda recusar, mas era muito tarde, e saboreou-o lentamente, como o primeiro.

Elle ainda quiz que bebesse mais outro copo, mas a velha resistio. E o hoteleiro para a convencer:

— Ora, ora. Isto é como se fosse leite; eu á minha parte bebo dez, doze, sem difficuldade. Passa como assucar. Nada no estomago, nada na cabeça; até parece que foge pela lingua. Não ha nada melhor para a saude!

Como lhe sabia bem, cedeu, mas só tomou meio copo.

Então Chicot, n'um rasgo de generosidade, exclamou:

— Olhe... pois que a pinguita lhe agrada hei-de-lhe dar um garrafão que tenho lá dentro, só para lhe provar que somos sempre amigos como d'antes.

A boa mulher não disse que não, e foi-se embora, um pouco turva.

No dia seguinte o hoteleiro entrava na quinta da tia Margarida; tirou do carro um garrafão mettido n'um cesto de verga, e depois fez-lhe provar o conteudo para que visse que era bem do mesmo cognac; e quando beberam cada um tres copos, o hoteleiro disse-lhe á despedida:

— E quando não houver mais, ainda ha mais lá em casa; não faça cerimonia. Não sou homem que olhe á essas cousas. Quanto mais cedo estiver esgotado, mais contente eu fico...

E subio para o carro.

Voltou quatro dias depois. A velha estava sentada á porta, occupada a cortar pão para a sôpa.

Aproximou-se, deu-lhe os bons dias, fallou-lhe mesmo ao pé do nariz, para lhe sentir o hálito. E sentio um cheiro a alcool. A sua physionomia illuminou-se.

— Dá-me voce-mecê um copo de cognac? disse-lhe elle.

E beberam duas ou tres vezes.

Pouco tempo depois dizia-se pelos casaes vizinhos que a tia Margarida se embriagava. Ora a levantavam na cosinha, ora no patio, ora pelos caminhos proximos, e era preciso levá-la em braços, inerte como um cadáver.

Chicot deixou de a visitar, e, quando lhe fallavam na velha, murmurava com uma physionomia bem triste:

— Que desgraça, n'aquelle idade, tomar semelhantes habitos! Uma creatura que era um gosto vê-la tão rija e tão saudavel... Ainda acaba mal!

E acabou mal, com effeito! Morreu no inverno seguinte, pelo Natal, tendo caído ebria, sobre a neve.

E o hoteleiro herdou a quinta, exclamando:

— Aquella infeliz!... Se não lhe tivesse dado para a bebida, ainda teria vivido uns bons dez annos!

GUY DE MAUPASSANT.

**T**ODAS as pessoas que tem questões civis, endimentos de processos e mais assumptos de tribunaes a tratar em França devem dirigir-se de preferencia ao sr. Director do Contencioso dos quatro Arroadissements Paris, boulevard de la Villlette, 122.

Tambem se encarregam n'este cartorio de todas as quaesquer indicações commerciaes.

## THEATROS

**Q**ue tem uns de maior successo do mez é *Tire-Larigot* nos Nouveautés, uma nova opereta em 3 actos, muita opereta e meia magica, onde desempenham os principaes papeis Brasseur e Berthelier.

É na verdade o *Tire-Larigot* não é das peças mais feias que se tem visto ultimamente nos theatros de Paris. Tem uma grande qualidade — ser um bocadinho original. Não digo muito, digo um bocadinho.

Os auctores tiveram o urejo de metter n'uma odereita homenz de sobressaca e frack, e saíram-se bem do urejo. As sobressacas sobre a scena não produzem mau effeito, nem tão pouco os fracks, donde se conclue que tanto se pode cantar quando se está vestido pelo alfayate de Francisco I como pelo mais modesto alfayate dos tempos modernos. E se da opereta a coisa passa até a opera não estamos longe de ver um *Prophète* de Parisius e chapau de chuva.

O que eu sei é que *Tire-Larigot* com os seus modernismos, ou antes, com a sua democracia de fatos e d'assumptos, parece ter calado no agrado dos parisienses, e o theatro dos Nouveautés que não sabia o que eram encontros desde o *Dia e Noite*, vê todas as noites desapparecerem os bilhetes, com immensa satisfação do director e grande prazer dos contractadores.

É não é só os Nouveautés que nos offerecem uma opereta misteriosa de nigito — é também as *Folies Dramatiques*.

Este theatro representa actualmente *Rip*, uma opereta extralida d'um romance inglez, d'estes romances ingleses onde ha quasi sempre um moral de convenção para exemplo de meninas e meninos que ainda não deixaram os collegios.

*Rip* está n'estas condições e não hesito em dizer que é mais uma opereta para collegiões, do que uma opereta para homens. Muito desejo de metter bons exemplos e a si moral pelos olhos dos espectadores.

Em todo o caso, posto que a musica não seja famosa, não deixa por isso de possuir dois actos excellentes (o 1º e o 2º) e de proporcionar um successo a Milly Meyer, uma deliciosa actriz de opereta de que os senhores nas suas aberrações de reclamey disparatados parecem ignorar a existencia, mais que o publico de Paris recebe sempre com applausos, direi mesmo, com enthusiasmo.

O papel mais insignificante representa o d'um moço adoncel, e a nota comica d'uma individualidade extraordinaria, não se confundindo com nenhuma outra actriz de genero dos palcos parisienses.

O papel de *Rip* é desempenhado por um distincto actor do *Odéon* que acaba de trocar o drama e a tragédia pela opereta — os versos de Racine por um *couplet* de Offenbach. Pena é que a sua voz o não auxilie extraordinariamente no novo genero a que se propoz. Em todo o caso o papel de *Rip* é devesas bem representado, e ha trechos que elle canta com bastante colorido e sentimento.

*Rip*, rapaz audaz e sympathico que habita uma povoação d'America, é casado com uma linda rapariga. Tem porém, um grande defeito. É um refinado mandrião. E vive apenas da caça. Mas proximo da povoação onde elle vive diz a lenda que existe um grande thesouro, e o que é facto é que elle encontra o thesouro, annuncia a sua mulher que vai ser immensamente rico, e quando se resolve a ir buscar o ouro, lá, durante a noite, no isolamento das montanhas, quando entera a picareta para quebrar a pedra que occulta tantas riquezas — a pedra cae, e surge uma multidão de espectros. Desvairado, espavorido, com semellante apparição, assaltado a febre, tem sede e bebe um licor que lhe offerecem e que o faz adormecer durante vinte annos.

N'esses vinte annos a esposa morre, a America proclama a independência, e quando elle acorda do seu sono imaginando ter dormido apenas algumas horas, vê-se de grandes barbas brancas, velho, fatigado e rito, tendo um trabalho enorme de imaginação para que o reconheçam na aldeia onde todo se mu-

doado, onde Milly Meyer apparece com vinte filhas, tendo apparecido ainda no 2º acto a mais acanhada estimulação todos os queiros de coração.

O acto dos espectros (o 2º) é verdadeiramente phantástico, e é posto em scena com grande cuidado e escriptura.

*Rip* é uma peça para fazer carreira não só em Paris, mas também em theatros do estrangeiro.

É nos outros theatros de opereta na la ha de notavel. Nos *Hofes Karidens* o *Chevalier Magnin* continúa sendo a mais completa semelhança, apesar da boa vontade e do talento de Moncheton, uma das cantoras mais sympathicas e mais esmaltadas da opereta, a que criou em Paris o papel de Bettina no *Mascolto*.

Peça como a *Mascolto* é que ramiam nos theatros de Paris. Ao auctor mesmo succedeu-lhe o que succede a certos romancistas que escrevem cincoenta volumes mediocres para acertarem com um bom romance. Em todo o caso quando ha algum talento sae-se para fora da mediocridade, e o *Grand Mogul* apesar de não ser uma opereta de primeira qualidade é ainda assim uma das melhores coisas que actualmente se representam em Paris.

Nos theatros de comedia rareiam as obras-primas. As *Pattes de Mouche* de Sardou continuam a viver gloriosamente nos cartoes da *Comédie Française* — theatro que tem em ensaios a nova peça de Alexandre Dumas filho.

O *Gymnase* depois do extraordinario successo do *Maitre de Forges* pôz em scena uma comedia *Ronde du commissaire* que está destinada a ganhar cádo do cartaz.

O *Vaudeville* sem peça nova que o salva, passa as noites a fazer repetidas das comedias de maior successo d'estes ultimos trez annos.

A *Renaissance* teve o bom senso de pôr de lado o *Infatigable*, uma tragedia insupportavel para pôr em scena uma bonita comedia *Voyage au Cameroun*.

O *Palais-Royal* depois de ter visto tahir, sem saber porque, uma engraçada comedia em 3 actos *Cupidon*, do auctor do *Député de Bombignac* que esteve em scena na *Comédie Française*, começa a ter um successo com outra comedia *Les Petites Godin* onde está sendo muito applaudida a actriz comica Lavigne que ha annos passou pelo Rio de Janeiro.

A *Ponte Saint-Martin* continúa a ganhar bons lucros com os *Dandis*, de Dumas filho, uma obra-prima do theatro contemporaneo, e tentamos pôr em scena proximo a *Theodora* de Sardou, grande drama d'effeitos para ser interpretado por Sarah Bernhardt.

O *Ambigu* passa o seu tempo a levar á scena dramáticos velhos tirados d'assumptos criminaes.

As *Variétés* deixam de representar o *Grand Casimir* com Céline Chaudmont para levar á scena a tradicional revista do anno, de Wolff, o brilhante chronista do *Figaro*. A peça não é famosa. Mas quando se é Wolff sempre se escrevem doze tiradas de bom espirito parisiense, e isto basta para garantir o successo.

E o *Odéon* passa as suas noites a levar á scena um *Manelli*, de Lacroix, desempenhado por Paul Mounet e por Tissandier.

Emfim, a guerra theatraal não é dos melhores. E a isto não andou estranho o cholera, este cholera de que tanto medo teve o estrangeiro, quando em Paris ninguém d'elle se occupava.

Em todo o caso o estrangeiro teve muito, o estrangeiro fugio, e isto contribuiu em parte para a crise que estão atravessando alguns theatros de Paris.

Basilio.

## A NOSSA AGENCIA

## AVISO IMPORTANTE

Podemos desde já annunciar aos nossos leitores que a nossa Agencia continuará regularmente os seus trabalhos d'expedições a partir dos primeiros dias do mez de Janeiro.

O nosso serviço foi completamente transtornado e alterado com as medidas rigorosas de quarantenas e irregularidades de communicações postaes e maritimas com Portugal e Brazil. É por este facto que só hoje podemos expedir mais do cem encomendas que nos foram feitas em diversas epochas pelos nossos estimaveis leitores e que nos foi impossivel, sem grande risco, fazer chegar ao seu destino. Pedimos a todos benevolencia, pois que em breve todos os seus pedidos vão ser satisfeitos.

Mais d'uma vez o nosso jornal ficou sobre o caes, em Bordéas, sem encontrar um navio que o quizesse levar a Lisboa e ao Rio de Janeiro; mas d'uma vez recebemos recambiadas do Havre encomendas que tinhamos feito seguir para Portugal e Brazil.

Hoje o cholera desapareceu e o movimento commercial que foi affectado em muitos milhões vai recommear activamente como outrora. O nosso jornal vai ser distribuido com a maxima regularidade, e os nossos trabalhos vão de novo entrar em ordem.

A todas as cartas que temos recebido com indicação de morada respondemos ou responderemos pelo correio para não demorar mais tempo os pedidos dos nossos assignantes. Algumas ha porém, que a não trazem e a essas damos prompta resposta no proximo numero da *Illustração*.

Esperemos que o anno de 85 surja mais razoavel e mais benevolo.

Conveniencias. — Negocios civis e commerciaes, correspondencia, cobranças, heranças.

Indicações commerciaes.

Perseguir e defender diante de todos os tribunaes francezes.

Administração de propriedades em França.

Escrever ao Director do Conhecimento dos *arrondissements*, — 17, boulevard de la Villette, — Paris.

## PASTA EPILOGICA DUSSEY

Para libertar o rosto de cabellos e pinguicolas superfluo a *Pasta epilatoria Dussey* é a unica effeica cosmética, e possui ainda a innocua vantagem de ser, bem de qualquer accão chimica e por consequencia absolutamente inoffensiva — 1, rue Jacob, e 10, boulevard des Capucines, e em todos os principaes perfumarias de Portugal e do Brazil.



— Muito concorrido está hoje o theatro. Vejo que agasalho o meu conselheiro.

— Segui. O *Spillardier* de Dussar não uma descoberta maravilhosa; somente tenho a pelle muito seca.

— E que te compromette de fazer uso da *Crime novatiue*.

— Fanny, está tudo em ordem na minha toilette?  
 — Não, minha senhora: aqui está a *Paris épilato-  
 rix*, três frascos de *Pellorix* e a *Crème potassente*.  
 — Bem...

— Pois quê! ainda não estás pronta?  
— Não tenho coragem de ir tomar banho e  
n'este estado.  
— E offeço-te por tão pouco! Aqui tens a  
Polivara. Vões ficar como uma nymphá de Dion

— Mas que corpos soberbos... que esplendores carnosos !  
— Que admiração ! Com as Epilatorias Deuser todas as  
mulheres são estatuas vivas.

— A baronesa já da cada se arrecola desde que lhe  
desapareceram aquelles bigodes que lhe davam o ar d'um  
grandeiro.

## NOVAS SORVETEIRAS TOSELLI



**J. BUSTIN** S<sup>rs</sup>, 5, Boulevard de la Chapelle, PARIS

Recompensa Nacional 18,600 fr.



**Enfraquecimento, Doenças do Estômago  
Febres intermitentes, etc.**



**FERRUGINOSO**  
Pobreza do sangue, Anemia, Clorosis,  
Debilidade, etc.  
PARIS, 22, rue Drouot, e Pharmacies.

MONARCA E CARACOLAS EBOREAS DAS VIAS RESPIRATORIAS



# CREOSOTE VERDADEIRO

[illegible]

**MEDALHA & DIPLOMA de HONRA**



**O GLEB CHEVIRIN**  
demite o seu filho, o filho do chefe de família  
e que muito aumentou as propriedades do GLEB  
**O GLEB DE FIGUEIRA DE SACALLO FERREIRA**  
e a sua esposa, que se muito administraram a sua  
propriedade, filha de Figueira, não conseguiram  
Repetição para os PAIS: Rua do Padre Bernardino

**OPPRESSÕES** **ASTHMA** **NEURALGIAS**



**CITADINHO, CANTAS!** (30) Para CIDADANOS ETERNOS  
Atendendo o fôrmo; pensando no Peito; Cahnô o systema nor-  
vo; facilitã a expectaçáo o fôrmo; a funcçáo dos or-  
gãos respiratórios. (Enger e assignatôrio: J. KSTIC.)  
**Venda por maior 120, rua Smt-Luiza, Faria.**  
E - - - - - (Gloria) Pharmacia do Pôrto: 2 fr. a caixa.

## MÁQUINAS para Telhas e Tijolos

Medalha de Ouro.—Prêmio na Exposição Universal de 1978



de clorose e a anemia  
do feramente combatida  
com o emprego regular de  
Ferro Bravars. Ele  
tem a <sup>função</sup> de dar ao sangue  
empolacrado a coloração  
necessária com a molécula

**DIGESTORES ARTIFICIALES**  
**VINOHO**



## EXPOSITION UNIVERSELLE 1878



DES PLUSHAUSES NEUWEISES

# ANNA DUNN FROM RAY

**DITA ÁGUA-DE-SAÚDE**  
 Recomendada para o bebê, por conter propriedades  
 constantemente as com a natureza.

## ARTÍCULOS RECOMENDADOS

[illegible]